

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº71 - OUTUBRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME V
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

ARTUR MORETTI - Física

CELSO FERRAREZI - Letras

FABÍOLA LINS CALDAS - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação

MARIO COZZUOL - Biologia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

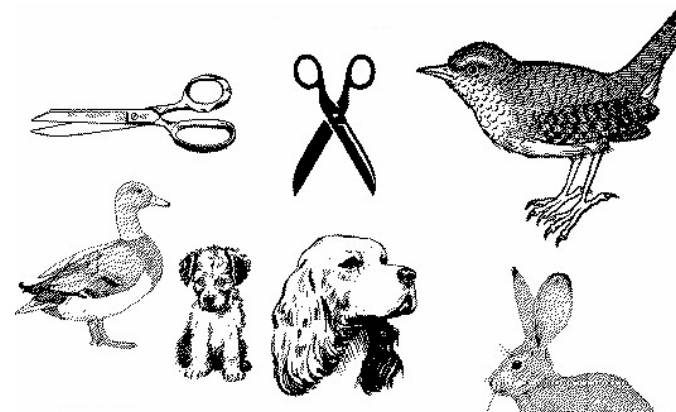
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

71



CONTOS VEROSSÍMEIS - PEDRO BUNDA

CLODOMIR SANTOS DE MORAIS



Quem é quem? Ele mesmo, coitado, só conheceu o irmão e a aparadeira. A mãe morreu no momento em que os gêmeos nasceram.

Do pai não se tem notícias. Um escravo talvez que fez mal a uma filha de lavadeira do Rio das Éguas. Hipótese conversa do povo.

- A finada Sabina Parto-Bom, qui deus conservou viva até depois de novecentos e trinta, sem volta nem arruéis de mentira, cansou de falar do parimento dos dois meninos. Eu mesmo não vi eles chorar no refúgio da luz, mas dei banho neles pequenim, traquim e eleijadim qui nem hoje cês conhece eles.

O velho João-Cego-do-Outro-Lado-Vizim-de-Agnelo, falava com a autoridade dos seus oitenta anos lúcidos. O pai fora escravo e jagunço de Severino Magalhães, o homem forte da vila de Correntina que incendiou Santa Maria da Vitória, no século passado. "Seu" João quando veio morar Do-Outro-Lado é porque já não tinha mais lugar onde se socar. O pai e ele andaram meio século perseguidos por todos os gerais e cafundós da Bacia do Corrente. Viveram dez anos escondidos na Tamarana, pertinho, légua e meia, do lugar onde se registrou o parto.

- A notícia correu, num arranco de cavalo brabo, pavorado, todo esse meio mundo da Correntina de São Sebastião dos gatos. Gente assombrada que não caiu no mato, fez calo grosso de joelho na penitência das rezas. O espalhado espalhô que uma preta fugida tinha parido um bicho de oito pés e duas cabeças.

E continuando a narração, o velho João-Cego-do-Outro-lado-Vizim-de-Agnelo reforça:

-Castigo mais grande não carece. Cruz! Creindeuspad! De novecentos não passará! Era niquin se via dizer nessa ribeiras. Foi um Deus nos acuda.

A Véia Sabina Parto-Bom costumada com parimento, derna de bicho do mato até passarim da casca de ovo, só não vingou salvar a mãe, mas os nascidos escapou. Fôro que nagurou a bacia dela, de flandres, novinha em folha. Trabalhava dez anos com uma gamela de umburana já quase furada de lavar e raspar gosma de parto. O restante era uma tesoura de cortar tripa, cordão, fumo e cachaça alcanforada pra amarração e cura de umbigo e toalha curada na fervura das folhas de eucálio. Era a mais confiante aparadeira daqueles tempos que os povos dos tabuleiro da Tamarana tinha.

Pensa que tinha nojo dos parto? Qual quê! Colhia os meninos que nem colhe algodão de flor, cuidando pra não ter só uma banda. E sempre dizia: todo trabaio do mundo rende a mesma medida. A colheita da plantação só é alegre mode a semeia que é suada. Na dos viventes só é triste mode que no plantio só teve gozo. Tudo que veve no escuro do ventre vê a luz mermo depois de morto. se Deus não ajuda e Nossa senhora do Bom Parto dispensa.

Era preta sem leitura - e persignando-se com uma cruz mal traçada na testa -qui Deus proteja o céu. E continuou: mas, media bem os sintomas do mundo. Quando chegou já fazia três noites que a nega gemia. Barrigão que ia lá fora: Bucho de menino homem. Derna seis meis que ouvia o chorim toda vez que eles se mechiam.

Na contage das luas com os disconti do cio, já tava fora de prazo.

Mãe-de-corpo já sem dor de gritar. Três horas de labuta com adjuntoro de trinchete.

“Seu” João fez aí uma pausa inconsciente de quem se mostra cansado. E passou o dedo na testa como quem procura suor. Mais uma vez continuou:

- Setestelo já tava em riba; galo cantando, noite caduca, quando Deus se fez servido.

Todo mundo se esconjurou trememente de medo e variante nas idéias más, quando viu aquele macaquinho de oito pés chorando pelas duas cabeças que ele tinha. Santo Deus, orai pronóbis! Não era bicho nem nada. Vieram foi apregado, os dois, pela bunda de trás, só um lado, como Deus fez, na denúncia do pecado e do mal-feito. Mãe morta pra assombro dos pecadô.

A mãe foi enterrada no canto da porta, pro nascido não chorar longe dela. Leite de duas pretas e de duas cabras paridas, mais chotão de farinha de mandioca e rapadura, com a graça de Deus escaparo do mal-de-sete-dias.

Conhecente do mistério, Sabina Parto-Bom só deu por terminado o serviço e a caridade quando retaiou os dois mambações mode separar o apregado. Febre, postema supurante sem reima, quandé-fé ficaro bom. Só vendo se crendo!

Mode que nasceram dia de São Pedro, a véia Sabina carculô logo que a mãe foi lotada no dia de São Migué pelo regulamento dos dias. Nove mês justo sem tirar nem botar. Apois sim, no batismo, consoante, Pedo Migué e Migué Pedo: dois neguim de bunda estufada, um dum lado e outro do outro. Tudo aí vivim pra mostrar o poder de Deus e da Virgem Maria.

Mais grande bigode, nascendo, vestido igual homem, de calça e casaco de Festa do Rosário Correntina, os capadócios, que não gosta de vê pobre vestido, pelidaro Pedo de Pedo-bunda e Migué de Migué-Revórve, pelas parenças de ter uma arma nos quartos. E os coitadim inté hoje não tem outro assento de nome.

O certo é que essas duas criaturas vieram ao mundo como uma réplica cabocla de Chiang e Eng, que em 1811 saíram da Tailândia para assombrar Nova Iorque. Não se tratava de irmão siameses o nosso caso teratológico. Tampouco de xipófagos.

O fato repercutiu em todo o São Francisco. Barqueiros, canoieiros, viajantes e ciganos que transitavam na área, se encarregaram de espalhar naquele meio de mundo o estranho parto. Por pouco não se tornou legendário.

Para conhecê-lo melhor, não faltava visitantes ilustres. Dois naturalistas e aventureiros franceses, Charnac e Dr. Frot que, nas décadas de vinte e de trinta, por lá andaram, pesquisando minérios, chegaram a dialogar com Sabina Parto-Bom acerca de seu sucesso cirúrgico. Este último, Frot, fez o jornalista Alfredo dos

Anjos da revista carioca A NOITE fotografar a parideira, na promessa de divulgar-lhe o feito e o nome prometendo, ainda, no retorno, nova visita, o que não ocorreu por ter sido misteriosamente assassinado no Rio de Janeiro.

O padre Camile Taurend, mineralogista e taxidermista, membro da congregação do colégio "Padre Vieira", de Salvador, na mesma época, andou no rasto dos seus antecessores, a fim de sigilosamente, verificar a incidência de galena e de prata na Serra do Ramalho. Duas esposas muito impressionaram o padre Taured, segundo registra Quinca Atayde, seu anfitrião. Um foi Elias Borba, tabaréu autodidata, que conhecia bem álgebra superior. A outra foi a aparadeira Sabina Parto-Bom por ter assistido, e com êxito, os partos mais esquisitos. Anotou, com riqueza de detalhes, o caso da Tamarana. Examinou pessoalmente os corpos de Pedro Bunda e Miguel Revólver e achou razoável a operação, revelando evidentemente, a pobreza de recursos com o que se procedeu à seção dos ilíacos colados.

Os gêmeos, nessa época, já eram adultos, e desde a infância apresentavam temperamentos e caracteres diversos. Miguel Revólver, monossilábico, irascível e truculento. Mesmo desarmado, era audacioso e parecia, graças aos defeitos de nascea, portar enorme revólver quarenta e cinco. Veio daí, talvez, sua tendência à valentia e às arruaças.

Pedro Bunda, ao contrário, sempre afável, pacato, habilidoso e comunicativo. Este extrovertido, aquele introvertido. Um, pobre de espírito, o outro, Pedro Bunda, inteligente.

Essa virtude - quem sabe! - tenha permitido Pedro Bunda, na mocidade, desfrutar da importância da sua singular maneira de vir ao mundo. Pôde, inclusive vivê-lo até com vaidade e orgulho, toda vez que gente importante dos lugarejos e de fora visitavam curiosos sua maloca.

Com a morte de Sabina Parto-Bom o fato perdeu atualidade e foi quase de todo esquecido. É que, por outro lado, se vulgarizou, em meio a outros casos teratológicos surgidos na região.

O Pedro Bunda da década de quarenta atingira a maturidade de espírito quando já beirava os sessenta anos. Preto, careca, com um resto de carapinhas e um cigarro de palha atrás da orelha; e precoce perda dos dentes e os beiços proeminentes e repuxados pelo longo uso do cachimbo de barro, agravavam seus traços de prognato acentuado. O prognatismo sugeria simetria com os dois enormes papos que pendiam do pescoço como duas laranjas pretas e lisas. E como se já não lhe fosse bastante ingrata, a natureza ainda entronchou-lhe o pé esquerdo vingando-se da perícia de Sabina Parto-Bom.

Cego de um olho, Pedro Bunda assumia, às vezes, gestos exclusivos dos que posam a Camões ou a Benjamim Franklin, sério solene, perscrutando, por trás de óculo bifocal imaginário, o fio das conversas.

Se absoletando em uma cadeira de encosto cruzava infalivelmente a perna esquerda enquanto pendia a cabeça calva à direita, revezando de quando em quando, as pernas, como se fosse a mercê de uma bengala apoiada ao joelho.

Abstraindo-se-lhe a cor; o olho cego, vidrado e branco, o prognatismo e o traje modesto de indumentária; a barba mal tratada e rala, ter-se-ia a cópia viva desses velhos retratados de coronéis e de intelectuais posudos do império, que, tão freqüentemente, adoram as paredes dos tabaréus abastados. Essa postura fazia

com que se apercebessem os pés descalços de marcantes rachaduras nos calcanhares; os artelhos deformados e o labirinto infundável dos remendos mal cosidos espalhados pela calça e camisa de pano rústico, amarrotado.

Podia ocorrer de, em uma luta mesa, Pedro Bunda, por cerimônia, recusar o melhor dos manjares, porém o palito nunca. Era formalista. Fazia parte da personalidade que sua imaginação procurava criar. Como um homem fino, educado - parecia acreditar - não dispensaria, jamais, o palito para virgular as conversas após refeição com um chichiar sibilante de canto de boca, na ilusão de que ainda lhe sobrava os dentes de há muito apodrecidos.

Vaidoso e inteligentes como poucos Pedro Bunda tinha enorme facilidade em aprender e imitar os gestos e a postura de pessoas ricas, importantes, e, no lugar, tidas como educadas. No tirar do chapéu de palha furado; no cruzar as pernas, os pés descalços; no rascar o artifício primitivo de silex, procurava dar a impressão de estar o ostentando o melhor chapéu panamá; o isqueiro mais moderno; e o borzeguim mais delicado e permanentemente trêmulo, agitado, como se quisesse mostrar a alegria dos pés, conforme pose dos antigos. E, aqui e acolá, buscava, solene, com os três dedos principais das mãos, um bigode e uma gravata inexistentes.

Tivesse ele um relógio e ninguém melhor e com mais arte o arrancaria do bolso do colete para as consultas propositais de efeito, pois, na falta deste, Pedro Bunda manejava hábil e constantemente uma verônica-medalha santa - que trazia no bolsinho do paletó e presa de cordão à lapela.

Possuía linguajar caipira, matuto dos mais atrasados, oscilante de "promode" ao "derna donde", ao arrepio mesmo das tendências anormais das corruptelas linguísticas. E tudo com mímica, expressão facial e flexão vocal inteligentemente copiada para a necessária aplicada ao prosear moderno a afluyente, mas, não raro, em estilo repassado de arcaísmos seiscentistas de um dialeto, há três séculos, perdido entre o São Francisco e Goiás.

Após uma concorrida visita a estudante falastrão e espirituoso de Salvador que foi passar férias em casa de pai rico, Pedro Bunda se despedia cerimonioso, circunspecto, curvo, excessivamente recurvado, apertando com a direita a mão de futuro doutor, articulava grave a sua frase de sempre:

- Consoante forgo. E fazia uma pausa talvez para ouvir satisfeito o eco de suas próprias palavras. Queria dizer que folgava em conhecê-lo e, já, saía de si para, na próxima esquina, comentar a visita com o primeiro conhecido, Adenor Mariano.

- Certo não sei, mode qui, pro via de sabença e pouca leitura, não divurgo; mais, porém, desses dotô novo, filho de Santa Maria e num arredado de vinte léguas, o miozim, na ciênça dos livros mermo é minino do coroné Antoin. Zé Rosendo disse qui não, mais eu quero que - e olha para cima como quem calcula - que pulo menos três línguas e uns dez idiomas ele já deve estar falano. Não intindi quaje nada, porém tô satisfeito.

No dia seguinte prosseguia o ciclo de visitas a recém-chegados das terras distantes: o viajante vagabundo daqueles rincões; um outro iniciante de ginásio, ou o novo promotor da comarca. Cumpria, assim, nos três ou quatro dias que permanecia na cidadezinha, essas obrigações sociais tão comuns aos homens importantes da região.

Não só julgava importante, mas também ele, Pedro Bunda, era tido como um homem civilizado, fino e instruído pelas almas simples, supinamente incultas e miseráveis que habitavam o tabuleiro da Conceição, onde o nosso homem pontificava influência e celebridade.

Ouvia nessa via-sacra de visitas os assuntos mais variados e inacessíveis ao seu limitadíssimo conhecimento. Porém, traduzia facilmente, nos termos das dimensões do seu pequeno mundo, tudo que lhe parecia compreensível e razoável. E carregando, repleto, essa enorme bagagem de três dias de palestras, rumava dose léguas a pé, para, remoendo e traduzindo de maneira nem sempre inteligível, despejá-la, o resto do mês, na cabeça dos vizinhos obcecados com as “novidades do porto” e do mundo

Lá no seu mocambo se assistia ao inverso: o visitado era Pedro Bunda. Cumprimenteiro e envaidecido transmitia aos visitantes, que confluíam de uma e de duas léguas de distância, todo um manancial de “causos”, fuxicos e comentários, e, não raro, com audaciosas incursões nos assuntos mais privativo dos doutores, do padre e dos chefes políticos. Ouviam-no esparramado pelo chão ou sentados nas raízes do ambuzeiros frondoso da porta do mocambo, horas inteiras, estarecidos, admirando-lhe as tão elevadas relações sociais com viajantes da casa da Bahia, “coronéis” políticos e com os “dotô-estudantes”.

- Ô seu Pedro - aproveitava uma pausa o visitante –si mal pergunto, vancê falô da inleiçõa cum coroné Nezim, pai de nós tudo?

- Sem dificuldade, respondia Pedro Bunda. Esse termo dito triplicando-lhe o “a” e seguido de três balanços positivos da cabeça e uma longa pausa, deixava maravilhado aquele auditório parco de raciocínio e rico de remendos.

E, por mais paradoxal que se afigure, essa palavra, “dificuldade”, soava aos ouvidos daquele infeliz como a mais bela da língua portuguesa.

Pdro Bunda era o único cristão do Tabuleiro da Conceição que se dava o luxo de frequentar, mês sim, mês não, o porto de Santa Maria da Vitória. E não só isso, mas também participava da sociedade local, já que se mostrava íntimo do “coronel” Fulano-de-tal, do capitão Beltrano, de dona Cicrana, etc. Ademais, tinha sempre o cuidado de trazer alguma folha de jornal, não o nome. Ninguém daqueles cafundós sabia ler. E se alguém pagasse o jornal, era para se admirar do estonteante formigueiro de letras miúdas que só Pedro Bunda e o povo da cidade decifram. Do teste ele habilmente se furtava alegando “vista turva e sem divurgação” em fase da idade. Entretanto, para aqueles absolutamente incultos, fingia ler as notícias que, às vezes, estavam de cabeça para baixo. A presença de uma gazeta fosse qual fosse a data ou o ano, na sua tapera, lhe imprimia autoridade e cunho de veracidade às novas que trazia do porto.

Naquele mundo de tiradores-de-mel e de jacas-tatu do tabuleiro distante, Pedro Bunda era, de fato, um homem importante. Quando não o fosse pelo dinheiro - e isto, então, não possuía-, admitiam-nos os seus vizinhos pela sua capacidade de falar e de ser entendido por pessoa do “mundo-de-lá-de-fora”.

E aqueles cinqüenta ou cem vizinhos superpobres que se espalhavam dentro de um raio de cinco léguas, se sentiam, como isso, menos inseguros e até protegidos por ter alguém que os ligava aos demais exemplares civilizados de espécie.

Nisso, e somente nisso, residia a sua ascendência sobre os vizinhos, pois era tão pobre quanto o mais miserável deles. Casebre de pau-a-pique coberto de cascas, cercado de um pequeno terreiro arenoso e quase inculto, era todo o bem de raiz que Pedro Bunda possuía.

Nem caía-lo pôde algum dia. Os móveis - se assim os podemos chamar - se resumia em uns três caixões velhos de querosene para guardar os "trens"; dois bancos rústicos; uma forquilha de três braços sobre o que se apoiava um pote desbeigado e sujo; duas esteiras-de-tábua e uma rede de embiras que serviam de cama; meia dúzia de tocos de madeira enfiados aqui e acolá, nas paredes frágeis para servirem de cabides a um facão velho, uma cabaça, um surrão furado e aos trapos da indumentária miserável. Os "trens", utensílios íntimos da cozinha e da mesa (mesa no sentido figurado), não iam além de uma gamela e pratos de pau, uns coités, panelas de barro, dois "flandes" para beber água e uma colher de sopa meio enferrujada para doses de remédios e uso de visita cerimoniosa, a espingarda pica-pau, co de guarda-chuva, Pedro Bunda possuía. Usava, às vezes, um bodoque com arco de pau-pereira para matar passarinho do mesmo modo que espalhava raras arapucas com que aprisionava algumas rolinhas incautas.

Se bem que vivesse no século da eletricidade, a sua choça conhecia apenas a lamparina de óleo de mamona e o rolo de cera de abelha que se acendiam em caso de necessidade, de vez que normalmente, ele e a esposa, a velha Leocádia, se deitavam à boquinha da noite.

Viviam sós, Pedro Bunda e a velha Leocádia, devidamente casados no religioso e, por influência dos vizinhos, na velhice, casados também no fogo de São João. Até trinta e oito havia mais gente na sua tapera; Nucência, sua filha, e netinhos barrigudos, prenhes de lombrigas.

Depois que esses parentes se foram, o casal de pretos se viu cercado apenas do que Pedro Bunda chamava de "criaçãozinha besta", expressão muito usada, por modéstia, entre os pequenos fazendeiros de até cem cabeças de gado. A "criaçãozinha besta" de Pedro Bunda, no entanto, não ia além de um galo e uma galinha; uma choca, uma pondo e outra com meia dúzia de pintos verrugentos.

O cachorro magro e raquítico nem se podia incluir na paisagem do lar miserável pois vivia mais - légua vai légua vem - de casa em casa dos vizinhos mais próximos, onde eram menos raros os escassos restos de comida.

Pedro Bunda era toda via um solitário dos gerais. Raros os dias que não aparecia um conhecido para prosear sob a fronde do umbuzeiro. Não só porque o homem atraía os apreciadores de "causos" e novidade do Porto, mas também pelo fato de seu mocambo estar localizado entre a Conceição e a cidadezinha de Correntina, para cuja feira e comercio animados acorriam os matutos da região. A passagem pela casa de Pedro Bunda era, pois, quase obrigatória.

Logo cedo, pela manhã, Pedro respondia ao primeiro:

- Lovado seja nossinhô Jesuscristu, seu Pedru Bunda.

_ para sempre seja lovado nós tudo. De manhãzinha assim, né seu Bertulameu? - e lá ia encompridando a costumeira saudação a fim de segurar o viajor para um bate-papo.

- Né tão cedo, seu predu. Condi eu sai de casa inda tava iscuero, inhô sim, mais tive que fazê um rudeio pula vage de cumpad Manézim de Filó modi piá o carralu qui anda sôrto sem chucái, vaiaco e infuluído nas éguas dos ôtus, nã discuidano na idade mostrante nos dentes das presa, qui já conta vinte era, sem tirá nem botá dois mêis qui nã mamô, modi que a mãe, inté novinha ainda, morreu de espinhaço quebrado, cedo, no boqueirão das lage, inhô sim. Consoante sem

mistério, derna qui sofrente de tombo di dismintido di ispinha nã si cunhece nem meizinha, nem reza forte de curá criação, munto mênu carralo e égua qui Deus feiz, nã di tudo, cuma bem fraco das pernas, apois morreu, pra si tê notiça três dia dispois.

Era suficiente. Bastava esse dedinho de conversa para Pedro Bunda inteligentemente indagar sobre o cavalo e, desde logo, apresentar-se fidalgo.

- Vamos abancá meu fii. Ô Locada trais um banquim aí modi Bertolameu de Zuina de Remunda tê um aliveio da viagem.

- Quero sentá não, seu Predu Bunda. Essa leguinha não ismurece ninguém não.

- Ochent! Mode quê! Cê vai é pegá um istupôro no aruvaio, - Deus livre! - cedim sem sol. Jeromi de sá Filipa, asturdia, levou aruvaio na caixa dus peito na ida e só vortô muntado cum adjuntoro do jegue de Henrique de Baraúna; istuporô e sentoma de rematismo disviado do cangote.

É o tempo em que velha Leocádia traz um banco e distribui o seu.

- Nossasenhora l'abençoe meu fii. Adeusim, como vamu? Remunda tá mió?

- Abaixo de di Deus vamu tudo bem - e levanta um pouquinho o chapéu - sem suberba do mundo, cuma bem, sem privança de resguardo da pecaonha.

Quelementina continua fazeno vermimi cum lumbriga a cabra di sangue. Na razão do mastruço tá sintino miora das cólças.

- Acocha, seu Berta, cum simente de abobra seca, di manhã in jijum. Abasta meio coité. Nã carece mais. É um santo remédio. Mata as lumbriga tudo.

- Quem haverá di dizê! Simente de abobra! Veja a inguinorança cuma é, né Pedru Bunda? Jirimum ou abobra de porco?

- Quarqué uma - volta siá Leocádia, i u resguardu mermo é contra vê foia verdi sol arto, no dia qui toma o remédio. Rijume de cumida leve sem feijão nem farinha. Chá cum bulacha ou frito. Doce? Nem vê! Mas antes de sol entrano, bota das miudinhas inté as solitara.

- Assunta! E nós quebrano a cabeça cum remédio de casca di manga mastruço inchada! A inguinorança, né seu Pedru Bunda?

- É e nã é, e quandé-fé-é. E soltava uma baforada de cachimbo de barro com canudo de mamona, calmamente, sem pressa de prosseguir, certo de que o inicio da resposta tem efeito fulminante sobre o interlocutor, que se limita, ante o enigma, a dizer, conformado e tímido:

- Inhô sim.

Pedro Bunda, já cavalheiro, completa:

- Nem tudo qui Deua vê o homem diverga nas ciencias do dotô. O contrareio dos mato só tá na farta da sabença dos iscundidos das fulô, das simentes e das raiz, cuma bem os contrareio das reza tá nas pronunça das incumenda supricante.

Nã vê, prinsempru, o resguardo da batata de burga? Nos cárcul dos home uma sumana; no regulamento dos dotô quaje não travessa o dia.

Deus condi feis as coisas, feiz, bem feito, meu fii, cum dispensa de lavra e sem caricimento de indireita, nem aparo. O contrareio tá no capricho dos home quinem conteceu com véi Simão de Fostina que deu veneta modi indireitá o pé torto do fio mais novo e triminou alejando a canela toda do bichim.

Os remédios tão aí mermo nos mato.

Não tem um mato, uma rama sem valia de conseio. As doença vem da terra e da tremosfera ...

- Qui é tremosfera, seu Pedru Bunda?, indaga já atônito seu Bartolomeu. Deus mi defenda!

- Tremosfera, na língua dos dotô, é os are.

- Inhô sim. Vê a inguinorança. Magine gente, qui eu cumprindi no prano de argum bicho bruto esse tal ... - e preferiu não aventurar pronunciá-lo.

- Apois é dos are, esse mermim, qui faiz fartá o fôrgo, inhô sim, e qui só é cativo pros passarim voar.

Cuma dizia, as duenças vem da terra e dos are cum bastança di miricimento. E é conhecente disso que os pés de pau guerreia cum meizinha de chá e de tintura, derna o fundo do chão, in baixo de nóis, inté in riba, na tremosfera.

Tanto qui condi o ciúme é grande a tremosfera arriune redimunho de vento que arranca foia e pau cum raiz e tudo. Ele passa o verão todim assim pruveitando qui os coitado dos mato tão mais fraco, carente do verde. Certa da hora que as água vem pra modi oxiliá os bichim - não vê a arenga é grande lá nas nuve. E os are macumana comandita de ventania, relampre, truvão, rai-curisco - Deus livre! - dos lugá pra presseguir as chuvas cum zuadeêro e mangação de assubeio.

- É de vera! responde convicto seu Bartolomeu, a essas altura sentado e esfarinhando com as palmas das mão o fumo do cigarro em preparo. A lúcida aplexica acerca da mecânica celeste que acabou de ouvir o fez esquecer as sete léguas a pé que tinha pela frente ainda.

A velha Leocádia ouviu todo esse oxórdio futucando o cachimbo de barro com o velho grampo de cabelo. Com dois pipocos de suas bochechas murchas e o recuo dos dois papos de meio quilo cada, o cheiro brabo de sarro anunciou o inicio dacuspideira. Apesar de sonoros e abiformes, os cuspes dos dois cachimbos e de cigarros de palha não mais atraía os dois pintos pelados e magros que sempre rondavam par ali à procura de desjejum.

Mais dois dedos de prosa já estão passando os dois meninos de Epifânio de Siá Viríssima, mal trapilhos e sujos de um mes sem banho, puchando uma cabra leiteira que amamentava os filho de Jeremias-de-Baixo.

- Bença padim; bença sá Locada; bença seu homi! e, à medida que os dois meninos disparavam por toda a banda ao mesmo tempo, as " benças", os abençoantes desejavam os " Deus potreja", os " Deus faça feliz" de uma só vez , fazendo com que as mãos cruces mal arranjadas e sem pontaria, a esmo, para não perder o fio da conversa.

- Já vortô, seu Predo Bunda? É Januário-da-ponte-de João-Grilo que, na passagem, freiou o cavalo para uma conversinha ligiera. Distribuiu em seguida " bom-dia" nominalmente a cada um, cruzou a perna por sobre o cabeçote a fim de se sentar mais comodamente na cangalha.

- Bom dia, vamo apiá seu Jinaro.

- Posso não. Vô na Correntina inda mode tá aqui antes da boquinha da noite, inhor sim, se Deus quisé. Meu interesse é pouco, pru quanto qui visita o mermo velho li fazê de amanhã a oito, tempo qui acabo a cerca do chiquêro.

- Ô Locada , percura aí otro banquim...

- Carece não. Cuma vai vançê, sá Locada?

- Pulejando, cum a graça do céu, amém nós tudo. Dismonta, vamu homi, abanca nem qui seja um tiquim! Nem toda carrêra é pressa e olhando para o lado de "seu" Bartolomeu - nã é gente? Onde já se viu?!

- Deixa de avexame, homi!

- Posso não, seu Predu. è avexame di pricisão. Vô vê se Remundo Sales mi fia vinte minréis mode perpará a safra de mío. Aqui in riba nã se presumi nem se adiquere.

- É de vera. Os tustãozim qu'eu juntei mal deu mode interá as compras. Qu'essa carístia nã truxe mais de duas capanga, bisaquim, de trem pula metade. Fim de mundo! Condi mi alimbro qui, na quadra de vinte, cum uma pataca de argodão descaderava um jegue, - né Leocada? - quem avera. É a incrise de carístia, gente.

- Verdade! - considera o cavaleiro, já desanimado com o insucesso da insinuação.

- Lá no porto já falava das inleição? É sé condi chove umdinherim aqui pru riba,nos mato, mode vieti e matá a fome dos pobi, graças a São Bom Jesus da Lapa e os home da situação.

Pra gulora e disaperto dos piqueno, pobi de pobreza, mais porém rico da graça de Deus, a felicidade é que o coroné Antoin nã deixa fartá nada. De um tudo dá, é um chapéu, uma roupa, um bruzeguim. Ninguém vai nu pra rua mode votá.

A incrise - prossegue - é qui nem praga, deu inté nas inleição. Magine que as lezes do gunverno cumpre que as inleição, dorinvante, é no mêrmo dia ni todos lugá das Nação.

Consoante, prus inleitô nã votá duas veis, só prejudica os piqueno e potreje os grande.

Cansemo de votá na Santa Maria e , na mêrma sumana, votá cum o coroné Féli da Correntina, cum o coroné João Duque nos cocos de Carrinhanha, inda caminhá qu'esse povo todo, trinta eleitô, quarenta légua mode votá no coroné Chico Fulô, ni Santana dos Brejos, vortando tudo satisfeito pras roça, cada um cum dois, treis liforme, inchada e foice. Agora quero vê! Hum! Ninguém é Santantonho, mode tá na mêrma hora, sofragante, ni dois lugá.

- Quem é besta, né sá Locada, né seu Berta, mode s'ínfuluí? Tudo, tudo é qui nem aconseia seu Predu, tudo é no prepósito de prejudicá os pobizim qui abaixo de Deus quem salva é a inleição. Quá! Se a cuiêta desse anos fô qui nem a do ano passado qui o feijão quemô fulorano e os mío bunecano, - Quá! - Tô mais aqui não. Só si fô pru castigo dos pecado. Arribo cus meus tudo pru Guaiáis. Dusenta léguas pr'onde tá seu Martiniano Cavarcante de Dona Arabela, ni Goiana de Anápli qui, no tempo qui morava aqui, nunca viu tropêço mode oxiliá os meu. Não dano certo aí - hum! tenho medo de anda nã - mais dezenta légua mode chegá no garimpo de Lagiado do Mato Grosso, cum Deus na frente.

Ano trasa arrecebi carta de Sarapião de Noca, meu afiado, qui isgravatô esse mundo todo e agora tá rico, pissuindo pra mais de cem arquêre de terra de ragadio e abundança de madêra de leis. Ochent! Tô pulejando aqui nã pru ismuricimento nem pru falença de corage, não.

Só não astrevi - nã é seu Predu, vancê mêmro sabe e nã deixa mintí nem rudiá - só nã me astrevi tarefa de arribada mode conceio seu e promessa de miora dos home de situação. Mas quem nã feiz na fulô dos ano, na veíce tem obrigação, dizia os antigo. Certo ô errado, errado ô certo, cobra quinã anda não ingole sapo e água quinã corre tremina chupada pru fundo da terra.

Pedro Bunda calculadamente deixou seu Januário-da-ponte-de-João-Grilo descarregar a revolta. Admitia o dasabafo. Com efeito, era de causar até protesto a notícia de uma só data para as eleições em todos os municípios. Na verdade, sempre fora assim. Ocorre, no entanto, que nenhuma fiscalização existia até então. Ou, se existiam esta era burlada pelo poderio dos donos dos lugares. e os vizinhos de Pedro Bunda - o povo de "seu" Pedro Bunda, como chamavam os chefes políticos - eram aliciados à base, ora de roupas, ora de par de botinas ou de borzegueins, ou chapéus para votar em vários municípios onde as atas das seções eleitorais eram redigidas com a data atrasada.

Não podendo votar mais que uma vez, reduziam-se as possibilidades de dar indumentárias àquela pequena comunidade de miseráveis, extremamente, atrasados que, a exemplo do que ocorria no resto do maio rural do País, se deixava inconcientemente subornar.

Para aquela gente que trabalhava o ano todo na agricultura e mal conseguia modesta roupa nova para a festa do Rosário, em Correntina, e festa do Divino, em Santa Maria, as eleições, de fato, eram consideradas uma benção dos céus.

E era somente através das eleições e dos impostos que aquela gente tinha conhecimento do governo, pois nem o recenseamento decenal chegava àqueles ermos do Tabuleiro da Conceição.

Pedro Bunda ouviu pacientemente a arenga, intercalando, aqui e acolá, um "é de vera"! ou um "assunta"!

- Nã tem dificuldade não, seu Jiuaro. Nem carece arribá. Condi Deus tarda é que já vem no camim. Pru contrareio do "Sujo" - e fez uma cruz na boca - , tarvêis cumpad Remundo Sales teja no bom apurado mode adjutorá os pobe.

- Cum feindeus e a Víge Maria. Adeusim pro cêis tudo! Vô descendo mode vortá cedo. Deusim! Resignando e se inclinando para consertar a espora do pé direito, deu marcha ao seu cavalo esquipador.

A prosa não se estendeu muito porque, logo, minutos depois, "seu" Bartolomeu resolvia também enfrentar o orvalho do amanhecer. A pé, o banho era inevitável no trilho sinuoso a que ficou reduzido o estradão dos carros de bois. O fedegoso, o mata-pasto, a malva e outros matos de beira de estrada mais metro, desde que brotaram da terra com as primeiras chuvas de outubro. Deles, com qualquer toque, desabavam pencas de orvalho frio. Mesmo ensopados até a cintura, Bartolomeu de Raimunda "ruminava" no cérebro as conversas de Pedro Bunda. Seu Pêdo é quaje dotô, era de sê dotô e coroné, causo nã nascesse preto qui nem anum e apregado ni Migué Revórve qui só tem afobação.

As novidades e os conhecimentos bebidos em dois dedos de prosa dixaram-no de cabeça cheia e ansioso para retornar à sua família antes que esquecesse tantas tantas lições. Na volta era certo, presentearia a Pedro Bunda um bocadinho de sal ou de fumo.

Pedro Bunda, na realidade, não se achava tão necessitado de uma coisa ou outra. As visitas feitas em Santa Maria lhe renderam suprimento para mês e meio, e ainda com sobras para se fazer de grande, na exibição de um cafezinho e dois foguetes nas ladainhas com o que calculadamente reunia aquela pobre gente dentro de seu mocambo e em torno de uma gravura velha de um santo qualquer aproveitado de alguma folhinha de Biotônico Fontoura ou do Capivarol.

É que os familiares dos seus visitados, em Santa Maria, ou em Correntina, nunca esqueciam de acrescentar à mochila de Pedro Bunda uns torresmos, litros de farinha, arroz, feijão, sal, café e, não raro, alguns cruzados. Era a maneira de uns garantir elogios e outros os votinhos nos dias de eleições.

Pedro Bunda atravessou a existência assim, às custas de sua inteligência: um misto de filósofo, de cicerone, de político, de "relações públicas" e de médico. Foi, talvez, o único baiano a reunir tantas habilidades...

Prisão do Quartel do Regimento de Obuses, Olinda - PE, Agosto de 1964.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

A FRONTEIRA DO GUAPORÉ

CARLOS SANTOS
EDUFRO

RESUMO: Trata-se de uma aplicação do conceito de territorialidade a um processo recente de colonização oficial derivado da expansão da fronteira agrícola nacional. Dissecam-se os mecanismos, isto é, as estratégias de delimitação e controle territorial por parte do poder político oficial, coadjuvado pelo poder econômico privado.

SUMÁRIO: Modernidade sócio-espacial; Colonização agrícola em Rondônia; Expansão da frente modernizadora; Fronteira do Guaporé; Conclusão.

Áreas de interesse: Geografia.

Palavras-chave: Amazônia, Ocupação, Território, Geografia Humana.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº89 - MARÇO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
ARTUR MORETTI - Física
CELSO FERRAREZI - Letras
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação
MARIO COZZUOL - Biologia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

89



MESTRE AMBRÓSIO

CLODOMIR SANTOS DE MORAIS



Clodomir Santos de Moraes

Professor de Sociologia Rural

jacintaclodomir@hotmail.com

MESTRE AMBRÓSIO

Mestre Ambrósio, naquele dia, chegou cedo, sol-entrando. Antes, quando deixava a roça, no Zé Araújo, o dia já estava turvo, boquinha-da-noite. O trabalho se mostrava cada dia mais pesado. É bem verdade que a derribada, a queima e o destocamento foram trabalhosos do que o plantio e a limpa. Mas a idade, sessenta e três janeiros, não mais o ajudava a reagir ao cansaço. Além disso, ele se desabituara do cabo da enxada em meio século de existência.

Dos seis aos quinze anos ajudou a mãe, camponesa e viúva, no sustento de seus irmãos. Apesar de pequeno, menino ainda, a enxada ou o machado não lhe causavam tanto desânimo. Tinha até muito entusiasmo na lavoura da terra.

- A terra - ele sabia e repetia sempre - é o nascente de tudo quanto existe. Basta ser trabalhada para produzir frutos, riquezas. Riqueza é a casa do Coronel Zé Afonso, é o dinheiro do coronel Zé Afonso, o gado, a loja, o depósito de cereais e as fazendas dele.

A mãe é que lhe virou a cabeça e o destino mandando-o para a tenda de mercearia de Terto Serrote, pai de Erminio Maleiro.

- Quero filho meu na enxada, não. Tu vai é aprender um ofício. Quem veve cavando o chão, da cova não tá longe. Quero não. Serrá pau pra fazê trepeça dá mais dinheiro.

Durante dez anos trabalhou na enxó, no cepo, no formão e no serrote. A arte, todavia não expulsou a fome de dentro de casa. Serviu, entretanto, para reduzir os gastos do enterro da mãe e de dois irmãos, cujos ataúdes ele mesmo, Ambrósio de Siá Pretinha, confeccionou de coração partido.

Nas horas de folga, à noite, lamparina de azeite na mão, o preto de vinte e cinco anos começou a solfejar exercícios musicais da Filarmônica 6 de Outubro, recém-fundada pelo Coronel Bruno. Tinha tendência para o saxofone e sonhava com esse instrumento. Influência das serenatas. Ademais, esse, como outros instrumentos de sopro, era novidade no lugar. Tudo de adiantado que se conhecia nesse terreno se resumia no berimbau de Balduíno, o violão de Sérvulo, Pai de Mané Jegue, e a sanfona-de-oito-baixos de Simão Viajante. O resto era viola, o pífe-de-taboca, o ganzá, o zabumba que desde o começo do mundo existem.

O surgimento da filarmônica da Santa Maria da Vitória, em 1906, fez revolução em toda a Bacia do Rio Corrente. Outras, nos lugares vizinhos, apareceram também com nome de datas do nascimento dos fundadores.

Era chic ser músico da banda. Não pela música que nada rendia, mas, principalmente, pelo direito de ter uma farda, coisa que então era privativa das autoridades, soldados da polícia e patentes da Guarda Nacional. Mais precisamente, só se concebia farda nos coronéis Zé Afonso, Bruno Martins da Cruz, Sebastião Laranjeiras, Clemente de Araújo Castro, José Borba, nos capitães Ernesto Branco, Henrique de Castro e no soldado Ferreirinha Delegado.

A Seis deu a todo mundo acesso à farda. E era fascinante aos olhos dos jovens aqueles instrumentos de cobre, ouro-de-mentira, fabricados em Turim, lugar tão longe, a que somente o pai de Seu Argemiro Filardi, que era estrangeiro, poderia se reportar.

O preto da finada Pretinha, com pouco tempo, além de mostrar embocadura para a palheta e o bocal, passava Quinau no regente, quando este não marcava com precisão um compasso cheio de fusas e semi-fusas.

Não tardou ser convidado, modesto ainda, para pegar a 15 de Novembro - filarmônica - Vitória, da correntina política contrária do Coronel Clemente.

- Não houve melhora, mode não ter serventia mudança de política. O homem que não é severgonho, nascendo monarquista, morre monarquista na lei de Deus, ainda que seja lutando cuma Antônio Conselheiro.

Era ciuada, inveja de Firmino Cabelereiro que gastou dois anos para aprender tocar pratos e, mesmo assim, ainda errava nas valsas e nos maxixes.

De Ambrósio de Siá Pretinha passou a Mestre Ambrósio. Mestre duas vezes: da marcenaria e, principalmente, da banda. Embora quase nada lhe rendesse o novo carco e até lhe prejudicasse as encomenda da marcenaria pobre, ele o encarava com responsabilidade.

Os meses subsequentes lhe foram de provas. Teve que sacrificar a marcenaria e por conseguinte, o estômago, a fim de não falhar no ensaio da artinha a vários discípulos, alguns dos quais rudes, com muito entusiasmo, mas sem maior inclinação para a música. Não havia livro. O único compêndio conhecido era a artinha, copiado de mão em mão por gerações de aficionados da música. Vários discípulos, semi-analfabetos, mal podiam copiar a artinha.

O ensino era uma novidade para Mestre Ambrósio. Mas venceu os obstáculos que ocorrem sempre na formação ou na ressurreição de uma filarmônica de lugar pequeno e atrasado, superando-os todos.

Ajeitou Zé Neto no bombardino, Henrique e os rapazes de Jão Lampião nas trompas Joãozinho de João Barros e Toin de Seu Bento no clarinete e Tonil no pistão; João Boca-Velha na marcação; Tião de Amanda nos pratos; Celso Afonso no trombone; Cessin no barítono Francisquim Fiscal no bombo e assim até completar as dozoito figuras.

Foi um sucesso, na quermesse de 1932, o seu trabalho de meses. Jão Guará, mestre das Seis, que duvidou tanto da empreitada de Mestre Ambrósio, ficou com o rabo entre as pernas.

Todo um passado de dificuldade compensado por alguns momentos de satisfação. Mestre Ambrósio cascavilhou minuciosamente naquela dura tarde, como se o cantasse saudoso, ao ritmo da enxada fustigante.

Já esitava velho e jamais pensara em ter um ocaso tão infeliz, tão triste.

O destino - era fatalista - lhe reservara para a década de quarenta, fim da vida, a injustiça de seus amigos, a desmoralização e resultante desta, um enclausuramento compulsório, dentro de uma tapera de onde só saía para a roça distante, de madrugada.

A lavoura, se bem que pesava para um desabitado naquela idade, era-lhe duas vezes útil Furtava de um doloroso isolamento dentro de um mocambo de pobreza pungente, onde dois pretinhos nus e cheio de lombrigas roíam cacos de telhas, torrões de barro, ao lado da mãe, pobre rendeira que arrancava dos bilros a farinha e os restos de açougue a se consumir na semana; enquanto, do mesmo modo, ajudava a participar da feira semanal daquela única pessoa amiga que não negou solidariedade moral, um pedaço de chão para dormir e um coité de passoca, naquela quadra ruim por que estava passando.

O abalo moral que sofrera foi demasiado grande para um preto de vergonha, idoso e até então conceituado. Temia os olhares de três mil habitantes estarecidos e inconformados com o ocorrido. Por isso, partia cedo e chagava sempre tarde da tarefa e meia de mandioca, milho, feijão, abóbora e melancia que plantara.

Do mocambo onde se enfiara na ponta da rua de Siá Francisca, ouvia repetirem-se as notas distantes de um ou outro discípulo executando em casa a passagem de algum dobrado. Era uma lição que ele já não tomava no ensaio noturno da Vitória.

Às vezes, se protegendo da escuridão, rodeava os quintais dos mocambos de sua ruazinha pobre, passando pelos fundos de Binigo Feiticeiro, Chico de Bazílio e de Zé-Boca Barbeiro, para , do Alto do Menino Deus, ouvir melhor, lá de baixo, beira-rio, o ensaio da Vitória.

Casais românticos que venciam a ladeira do Beco de Manuel Afonso, à procura da enorme alcova soturna e sombria do morro, vai não vai, se surpreendiam com a tosse daquele vulto solitário prostrado ao pé do cruzeiro da igreja. Era Mestre Ambrósio, esquivo sempre, quando se-lhe-aproximavam pessoas inadvertidas.

O ensaio terminava e Mestre Ambrósio permanecia absorto até o piscar dos últimos candeeiros, revivendo o passado de tudo e de todos e maldizendo o seu próprio destino

- João Guará. Êh! Foi quem fez mais figura nesta Santa Maria da Vitória. Bom músico e regente de mão cheia. Não só regia e tocava todos os instrumentos como compôs os mais belos dobrados da Seis: o Joaquim Afonso, o Claudelino Coimbra (dobrado cadu) e o próprio Seis de Outubro. Grande dobrado que até o bombo e a caixa solam emparelhados com o pistão. E o maxixe que foi estreado, em trinta e três, no casamento da filha do finado Epifânio? Magnífico! executado do começo ao fim com passagens.

Todas as obras perdidas. Partituras comidas pelo cupim nestas últimas veze que a Seis de Outubro esteve encaixotada. Ninguém se lembra mais dessas peças de João Guará a não ser Otoniel de Dona Flormina, quando vem da tenda de alfaiate de Nezim Lisboa, assobiando. Menino de cabeça boa, guarda tudo. Fiz o possível para atrair Otoniel. Seria bom no contrabaixo. Seu Norberto e dona Flormina, entretanto, querem que ele seja somente alfaiate e pastor adventista. Afora Otoniel, só Alcide Papagaio-Fazedor-de-Bolsas se lembra dessas obras antigas. Alcides assovia os trechos mais difíceis do Dobrado Cadu sem errar na passagem do tom para o maior, variação que existe entre o trio e o retorno à introdução.

Maior do que João Guará só mesmo Pedro Leita, que compôs o dobrado de David Gomes, Dobrado Contínuo, pois o dono desejava que ele fosse tocado até o fim da Seis. E era bom no dobrado, maior ainda na composição dos cateretês, maxixes, valsas, serenatas, cançonetes, etc.

Fôra quem deu um banho de civilização nos músicos do lugar, falando em violino, piano, harpa, sarusfone, harmônio. Nunca vira um som desses instrumentos da capital e grandes centros, mas o lera numa revista foi o suficiente para aprender. Muitos dos seus discípulos duvidavam da existência de semelhantes invenções.

Não consebiam alguns a possibilidade de, em um só instrumento, se trabalhar com duas chaves, a de sol e a de fá.

- É conversa de Pedro Leita, gente. - dizia, duvidando, Josias França-irmão-de-Arlindo-Cego. Existe o quê! Quem é que tem mão pra mexer nas oitenta chaves de um piano? Demais, pelo que ele próprio diz, isso não serve pra banda devido o peso. Da harpa eu até não duvido pois a Bíblia fala nela. O resto deve ser exagero.

A dúvida de Josias persistiu, mesmo depois que chegou a Santa Maria a vitrola de Seu David tocando música de piano, conforme anunciava, no início do disco, a Casa Edson do Rio de Janeiro.

Anos depois, tanto os descrentes como o próprio Mestre Ambrósio puderam, maravilhados conhecer o piano através do cinema mudo de Seu Honor-de-Coló-do-Padre Othon.

Noite adentro, enquanto a cidade lá em baixo dormia, no Alto do Menino Deus, Mestre Ambrósio buscava reminiscências para esquecer o momento difícil que atravessava. De vez em quando, retirava detrás da orelha o cigarro de palha para espantar as muriçocas e o sono.

Queria continuar pensando em tudo, em toda gente, menos em si mesmo. Pedro foi quem mais lhe causou inveja.

- Esse era mestre mesmo - confirmava sua consciência. Mestre no instrumento e mestre na composição. Fazer o que ele fazia, ler de primeira vista uma partitura; copiar como nu ditado, o assovio de uma serenata, está pra nascer homem em Santa Maria.

Morte Coronel Bruno. As Seis encaixotadas há quatro anos. Com o fracasso das eleições de 1934, o coronel Bruno perdera na política e, por isso, a Seis, que ele fundara, nunca mais tocou.

Os músicos, uns ficaram velhos, outros se retiraram para São Paulo na idade de procurar emprego e os que ainda ficaram perderam a embocadura com a falta de tocatas e a queda dos dentes. Não restava quase ninguém. Só os instrumentos. Mesmo assim, todos. Alguns furados, remendados de cera, sabão, elástico, e outros, os de palheta, com abafador de pano. Era uma lástima. Dava pena, tudo se perdendo no azinhavre.

Desde de trinta e seis que Seu Bruno já estava caducando e ninguém se incomodava com a Seis prevenindo a necessidade de ela ter que acompanhar o velho à sepultura.

Riquíssimo e caduco, havia quem afirmasse o ter visto na privada se limpando com pelega de quinhentos mil réis. Dias contados, só chegou aos oitenta e cinco anos, quando, em um dia de julho de trinta e oito, a cidade acabou o almoço com a notícia: Seu Bruno está morrendo. Morrendo de devera.

Para não agourar o moribundo, nenhuma providência foi tomada no sentido de solenizar o seu funeral. Nem da feitura de atúde se cuidou. Mesmo assim - previdentes como sempre - Seu Hermínio Maleiro mais o irmão, Chico de Didi, escolheram, no Tamarindo de Cima, as táboas de cedro.

Quando Siá Maria de Seu Bruno, criada dele e que lhe botou a vela na mão, anunciou, às 16 horas, o último suspiro, correu gente por todo lado. Uns para mandar Cândido Bedocha bater o sino; outros para encomendar o caixão. Teve quem convocasse Joaquim Bodeiro, Simão Pilérico, Nemésio Contador-de-Causos pra sustentar a sentinela, a noite toda, com as estórias e anedotas mais novas. Teve quem arranjasse logo Siá Coleta-de-Isidro, Siá Maria Teodora-de-Purnié, Siá Celina de Mariinha de Otacílio e Siá Valentina Voz-de- Homi, conecidas carpideiras e razadeiras dos ofícios, do lamento das almas, das incelenças e da encomendação de defunto.

Teve quem tratasse de areiar a espada e desencavar sua farda de coronel da Guarda Nacional roída de traça. Teve gente pra tudo. Mas só à noite é que se lembraram da Seis.

Foram buscar Pedro Leite na casa de Zé Cigarrista. Estava bêbado, dormindo. Tinha que se ressuscitar a filarmônica ja e já.

Seria a pior das desgraças o coronel não ouvir a marcha fúnebre das Seis no último adeus. Inconcebível. Mas, cadê músico? Era impossível tentar-se o pretendido. E o desânimo tornou-se maior quando se descobriu que a papeleta da marcha fúnebre o cupim havia comido. Pronto: acabou-se a esperança.

Pedir músicos à Vitória, ou tentar tocar a marcha dela, seria uma desmoralização política sem precedentes que fazia apavorar os correligionários do morto. A Vitória de Seu Clemente ter que tocar no enterro de Seu Bruno, era uma hipótese que ninguém se aventurava considerar. Seria uma traição inominável e com morto não se deve brincar.

Com a notícia e a convocatória, Pedro Leite se tornou lúcido imediatamente. Conhecedor da real situação da Seis, não perdeu tempo em entender, de pronto, ao chamado. Mandou o portador dizer que fossem remendados os instrumentos para ver se estavam em condições de uso. Os ferreiros Antóin Pessoa, Evaristo ferreira e João Ferreira cuidariam dos consertos, distribuindo-os, logo, a cada músico bom ou ruim que ainda restasse.

Um candeeiro fifó, uma pena de alumínio, um tinteiro de tinta sardinha e uma garrafa de cachaça ajudaram Pedro Leite na composição da nova marcha fúnebre.

Era terminado de compor os solos de clarinetes e mandando Cadú de Chico Coimbra e Zezito-de-Quinca-Afonso ensaiá-los em casa; a parte de contrabaixo para Vadim de Josias Irmão-de-Arlindo-Cego; a do pistão para João Lima. Depois da meia noite despachou as partes dos saxofones para Jaime de Maria Vitória e Quinca Ataíde; a de soprano para Chico de Guarany; a do trombone para Otacílio Carvalho; as das trompas para Jaime Coruja e Calixto de Severina Dona Bú , a da

riquita para Tonhá de Zé Pau, a do bombo pro Aristóteles a assim por diante. A última foi a de Lauro-de-Zé-Sobral porque este executava qualquer música de primeira vista, por mais acidente que tivesse.

Ninguém dormiu com os toques dos instrumentos, noite adentro, um nessa, ou na outra rua. Aqui um desentoadado, acolá outro descompassado e todos zuadentos na abstinção dos seus executantes sem embocadura, ou sem dentes, ou ainda com dor de dentes; dedos entrevados sem treino, testando os instrumentos com a frase musical do-mi-sol-do-sol-mi-do, que os capadócius traduziam em eu-u-ri-nei-n'ú-ri-no. Para completar, cantorias tristes dos ofícios ao ritmo do serrote , do martelo, noite velha, na labuta do caixão, trinta metros de fundo.

Na sentinela risadagem alta dos causos e anedotas. A cidade não dormiu. Nem cochilar pôde.

Antes do maio dia os músicos foram reunidos para o ensaio geral.

Mais um dedo de tinta na harmonia e a Seis respirou de novo. Era a marcha fúnebre mais fúnebre, mais triste que já ecoou naqueles rincões do Rio Corrente. Músicos houve que temiam o enterro, já que no ensaio a lágrima sufocava o sopro. Com efeito, no Cemitério de Santa Verônica, o Cemitério Novo, foi tão grande a choradeira que ninguém desatou o nó da goela para pronunciar a ode mais simples e costumeira e sem rima:

Deus o leve, leve e tranqüilo
como o incenso de turíbulo.

Pedro Leite alcançara o máximo. Foi exigida nova execução da sua marcha fúnebre no retorno da banda à casa do morto. Novo aguaceiro de lágrimas. Só depois disso é que o povo veio sentir que Seu Bruno havia morrido mesmo. Desceu sobre a cidade uma tristeza de cemitério. Muita gente foi dormir cedo por não ter vontade de conversar. Seu Bruno parecia estar em todo canto, em toda a casa. Não ficara no cemitério, na sepultura. Descera o morro da Lavandeira, acompanhando a Seis, na marcha fúnebre de Pedro Leite. Surgiu até quem jurasse o ter visto, madrugada, acordando os músicos para um novo ensaio. Da mesma forma que aconteceu na morte do coronel Barbosa Laranjeira, a Vitória havia acompanhado o enterro, fardada e pronta para tocar a sua própria marcha fúnebre, na hipótese da Seis falhar não lhe sobreveio, desta vez, essa oportunidade e, por isso, Mestre Ambrósio, o regente, teve sua vaidade ferida. O espírito do velho coronel o perseguia.

Superstição besta - repelia sempre - que nos insucessos lhe vinha à cabeça. O coronel Bruno não o perdoaria, mesmo depois de morto, o fato de ter trocado a Seis pela Vitória.

Ninguém mais se lembrava disso, porém era só no que pensava Mestre Ambrósio toda vez que a Vitória sofria alguma derrota, ou perdia a ocasião de fazer bonito. De resto, os seus próprios azares pessoais ele atribuía a alguma praga que Seu Bruno lhe houvesse rogado, em vida. Julgou haver perdido por completo o receio , após a morte deste.

Supôs que a Seis fosse desaparecer definitivamente. Seu Bruno morto, morta a Seis.

A Vitória, que sempre apresentara melhor conjunto e mais harmonia, criou o vulto e o mestre pontificou na labuta.

Muitos fatos contribuíram para transformá-la na melhor filarmônica da região. Um deles, o principal, foi a construção do navio Alfredo Viana, de propriedade do coronel Clemente de Araújo Castro, chefe político local, fundador e mantenedor da Vitória.

Lutando contra a política monopolista do transporte fluvial exercida no Rio São Francisco e afluentes pelas três companhias, a Bahiana, a Mineira e a Indústria Viação Pirapora, Clemente Araújo, criador e industrial (apesar de tido como prefeito violento e voluntarioso, era progressista e arrojado), resolveu construir um navio moderno para atender ao transporte no Rio Corrente. Vendeu quase todo o gado que possuía, mas o fez. Máquinas a vapor vindas da Europa foram montadas sobre um casco construído no Estaleiro da Ilha do fogo em Juazeiro Oitenta toneladas nos seus porões e podendo arrastar mais duzentas em chatas anexas.

Dispondo de uma indústria de madeiras, o coronel Clemente achou menos dispendioso fazer os camarotes, convés e madeiramento em geral lá mesmo em Santa Maria. Para tanto, contratou numerosos operários locais e de outras cidades do São Francisco, dentre os quais o próprio regente da Vitória, Mestre Ambrósio, cuidadoso tanto na música como na mercearia. Joaquim Bento, carpinteiro fino vindo de Minas Gerais, era o chefe da obra.

Foi uma quadra feliz para Mestre Ambrósio. Vislumbrou-a em todos os detalhes. Além de um salário de merceneiro, pequeno mais certo, os novos músicos propiciavam-lhe perspectivas extraordinárias para transformação da Vitória na maior banda de todo o vale sanfranciscano.

- Só seria inferior às filarmônicas de capital e à Euterpe de Juazeiro, assim mesmo, apenas no número de fdiguras. Sonhava, consciente de sua reconhecida capacidade, o Mestre Ambrósio.

- Transporte de graça - não raro dentrava - a banda poderia fazer uma excursão pelas cidades grandes, Barra, Pirapora, Januária, Remanso, Juazeiro, Petrolina, etc.

Era a glória culminando-lhe os últimos anos de vida. Festejava-a po antecipação aos goles discretos de cachaça.

No meio do operariado de fora havia inclusive novidades: um flautim do genro de Joaquim Padeiro e um clarone de Rau Montes Claros. Com os novos, a Vitória somava trinta figuras. Um estouro. O coronel Clemente, ao ouvir-lhes os ensaios, se orgulhava de tudo: da banda, dos músicos e do Mestre Ambrósio e sempre dizia que banda de música é que nem mulher-dama, só funciona se lhe der dinheiro. Sem dinheiro a banda não toca. Repertório novinho em folha com dobrados vindos da capital do Estado.

Os adversários políticos, os de baixo, correligionários do finado Bruno, escolheram má hora para ressuscitar a Seis. Era para ela não mais reaparecer, porém o sorteio de Joaquim Inácio de Oliveira ("Joaquim Bodeiro") para o festeiro do Divino Espírito Santo acelerou o processo.

Músicos, se muito ainda restasse, uns cinco. Nem maestro tarimbado possuía. Todo mundo tinha se mudado, ou por insegurança política o por falta de ganha-pão, de emprego.

Lauro Sobral era a salvação. Desde mocinho já se mostrava bom músico e meio maestro. Bom de embocadura e bom na interpretação. Só o pai Zé Sobral Sapateiro e Josias França foram maiores que ele no bombardino. Lia de diante-para-trás e detrás-para-diante qualquer partitura. E, ademais, compunha sem necessitar de instrumento.

Com dois meses passou dez discípulos da artinha para o solfejo e do solfejos para os instrumentos.

- Só sendo milagre! - refletia, ameaçando, Mestre Ambrósio. E só não lhe voltava o pesadelo da praga do velho Bruno porque ele reconhecia a fraqueza, melhor ainda, a tibieza da Seis: instrumental velho, furado; repertório antigo e, de resto, músicos, além de poucos, imaturos e sob a inexperiente batuta de Lauro Sobral.

Para completar, este, Lauro, repentinamente, foi atirado à rede por uma hemiplegia de origem só explicada pela carga de sífilis que afirmara ter adquirido nas aventuras do mundo. Era um condenado à morte, moço ainda, trinta anos, quando terminava um dobrado que, só postumamente, recebeu seu nome. O desespero e a neurastenia proveniente da frustração que a paralisia parcial provoca não lhe permitiam prosseguir, ainda que ditando, a composição de um repertório imprescindível ao sucesso da Festa do Divino e da própria Seis.

Esforços perdidos. Músicos jovens, entusiasmados apesar de inseguros, mas sem maestro só com quatro dobrados: o de Lauro, o Crepúsculo, o Rosicler e o Avante, Camaradas, de Antoninho Espírito Santo, antigo e demasiadamente batido. A falta de maestro foi suprida logo por Quinca Ataíde e os ensaios prosseguiram.

Se houvesse um encontro de rua, a Seis seria fatalmente massacrada. Era fácil constatá-lo nos simples ensaios das duas bandas de música. Temiam-nos os opositoristas.

Mas, desta vez, Mestre Ambrósio não colheria os louros da Vitória. Todo o seu modesto castelo de cartas desabara desastrosamente. Havia dois meses, amargava o azar que a sorte cruel lhe reservara para o fim da vida.

Quantas vezes, na roça, desejava uma picada de cobra venenosa. Trocaria o infortúnio a que foi atirado pela desgraça que se abateu sobre Lauro Sobral, a paralisia do lado esquerdo com boca torta e tudo.

Uma calúnia fundada em plano bem urdido levou o coronel Clemente a admitir, sem sombras de dúvidas, que Mestre Ambrósio houvera furtado um alicate do almoxarifado do navio. Fora fácil concluí-lo.

O preto anda bebendo muito antes de receber o salário - dizia um acusador - e ainda paga para os amigos. Quando, no revistamento, mexemos no bolso dele já era quase certeza encontra o alicate. Não achei exagero nos nomes que o coronel usou pro velho, não. Ladrão é ladrão mesmo. É nome que serve pra cabelos preto e pra cabelos brancos também. Basta pegar o que é dos outros. Ele teve sorte que não foi nem pra cadeia... Lá fora, seria negócio pra um ano de chá-de-grade.

Nem uma e nem outra alternativa, entretanto, Mestre Ambrósio preferiria no momento em que ouviu o dono do navio e dono da banda, colérico, lhe expulsar das duas coisas.

Se tivesse morrido ali mesmo, tudo teria se passado rápido, sem grandes sofrimento, já que a dor da honra é maior que a dor da morte. Nem assim a sorte lhe foi condescende.

Após ouvir, na frente de todos, os insultos mais duros e brutais saiu, cego de vergonha, sem rumo, pois nem atinava onde se esconder. Pegando o leito lamacento do riacho que divide a cidadezinha, passou por baixo das duas pontes em direção à Várzea. Daí, cortou o morro na altura da casa de Seu Bento Papudo para ir se enfiar numa tapera da rua de Siá Francisca. Quase ninguém o viu chegar, enquanto, lá em baixo, o povo atônito via nas ruas fervilhar as mais contraditórias versões. Era o fuxico, essa generalizada diversão - o teatro e o cinema dos lugares pequenos.

O assunto rendeu o mês inteiro e renascia toda ocasião em que alguns namorados surpreendiam o vulto solitário de Mestre Ambrósio tossindo no alto do menino Deus. Era uma espécie de alma penada pelos escuros da noite. Enquanto este buscava ouvir os sons da Vitória. Lauro Sobral, semi-paralítico do fundo de uma rede, escutava os ensaios distante da Seis. Um ao pé do Menino Deus e o outro vizinho da casa de Bernadete de Seu Antônio de Bruno, ao lado da casa de Anacleto França, na rua da Caatinga. Dois músicos e maestros; os dois frustrados e infelizes e sobre ambos a iniquidade da sorte.

Faltava mês e pouco para a festa do Divino, a maior da Santa Maria da Vitória, quando Mestre Ambrósio conseguiu emprestado papel de pentagrama e tinta. Sentado no chão do mocambo, apoiado num banco de três pernas, o velho rabiscou firme, quatro dias.

As maniva de mandioca da roça iriam demorar ainda meses para lhe fornecer o sustento e ele se sentia pesado no orçamento miserável de sua amiga. Esta, por sua vez, se tornara feliz ao ver desaparecer, por instantes, da face do velho aquele profundo olhar de tristeza. E o contemplava, horas inteiras, cantarolando baixinho algum lundu, sem entender as centenas de bilros que ele, sofregamente, desenhava, com se, procurando imitá-la, elaborasse um rendilhado no papel de música.

Trocou com ele, várias vezes, as pitadas de um cachimbo de barro, enlevada, agora, com a expressão profundamente humana que naqueles quatro dias assumiu e seu olhar, antes sempre injetado de cor e de revolta. E foi com tamanho ardor o renascimento de um passado distante, cheio de amor e medo os dois ainda jovens - que ela mesmo desceu o morro a fim de pessoalmente vender as três partituras que Mestre Ambrósio produzira. Não se envergonhava de dizer que ele se homiziara no seu mocambo. A fome e uma afeição antiga impunham, ademais, buscar os adversários políticos para vender as peças musicais, pois a Seis era que mais estava necessitando de repertório novo.

Dois dobrados e uma valsa pra quinze figuras: mais de cinquenta páginas cobertas de arte. A valsa, Quinca Afonso comprou depois de ouvir o filho Zezito as partes de solo, da introdução até a coda. Achou-a bonita então regateou no preço. Pagou os dez mil réis pedidos e a ofereceu à Seis de Outubro com o título Maria de Lourdes, nome da filha caçula.

Um dobrado, comprou, também, por dez mil réis, o festeiro Joaquim Bodeiro, intitulando-o logo Dobrado Manoel Inácio de Oliveira, nome de Netinho, filho mais velho. Esse dobrado, apesar de bem trabalhado, foi infeliz nos primeiros ensaios. Netinho como todo filhinho de festeiro que ingenuamente imagina ser a banda de música uma propriedade do dono da festa, condenou à galhofa de seu próprio dobrado.

Com efeito, todas as noites, batia o bombo a fim de chamar os músicos para o ensaio. E o fazia com tanta força - coisa de adolescente que resultou rompendo o couro do instrumento Foi a conta. O maestro, daí por diante, quando anunciava o dobrado Manoel Inácio de Oliveira, provocava um burburinho de risos. Era o dobrado Fura Bombo e co esse nome ficou.

Para o outro não houve pretendente. Ninguém quis dar quinze mil réis por um dobrado. Por dez não faltaria comprador. No dia seguinte, Mestra Ambrósio o ofereceu de graça à Seis, com o nome de dobrado Para Todos. Era a sua obra prima. Nele havia jogado toda a sua inspiração. Só após Quinca Ataíde solfejá-lo de ponta-a-ponta é que verificou a beleza, a preciosidade da peça. Dobrado sinfônico de cinco partes com ligeiras fugas polifônicas e contacantos surpreendentes. Introdução grave e imponente prepara fácil o tema da primeira parte, marcada de um crescendo suave. Toda a linha melódica fora do costumeiros artifícios musicais das bandinhas do interior. O máximo de desenvolvimento individual e de cada naípe instrumental, mas dentro de uma rara homogeneidade harmônica.

O primeiro ensaio conjunto desse dobrado arrastou gente desde a praça do Pequiseiro, até onde chegaram os sons da Seis. Valia por todo repertório novo da Vitória.

Otoniel-de-Dona-Flormina, Alcides Papagaio, Morais de-Seu-Antônio Lisboa, Vanjú de-Cota-da-Rua-do-Riacho, Santinho de Chico Caburé e outro meninos assubiadores, de ouvidos bons, no dia seguinte, encheram as ruas e as tendas de alfaiate do dobrado Para Todos. Foi a coqueluche do lugar.

Mestre Ambrósio, do Alto do Menino Deus, apreciou por várias noites a evolução dos ensaios da Seis. Melhoraram dia a dia. Porém faltava ainda muito para apresentar o rendimento harmônico que o Para Todos exigia. Reconhecia-o pesado em demais para uma filarmônica formada de iniciantes.

Cinco dias antes da Festa do Divino, Quinca Ataíde se sentiu na obrigação moral de fazer uma visita a Lauro Sobral com o objetivo de conhecer-lhe a opinião sobre o trabalho que o próprio Lauro havia iniciado. Era uma espécie de prestação de contas e, ao mesmo tempo, uma homenagem com que julgava confortar o infeliz paralítico.

O encontro foi terapêutico para o inferno. Este reconhecia que a Seis, apesar de falha, com mais cinco dias de repassos, estaria em condições de abrilhantar a festa.

O diálogo foi curto porque o bombo já havia dado a segunda chamada.

- E as trompas, Quinca?

- Progrediram muito e mais ainda o soprano de Chico de Guarany

- Quem vai salvar tudo é o Para Todos. Durante o ano que eu estive no interior de São Paulo, onde eu arranjei essa sífilis amaldiçoada, nunca vi um dobrado mais belo e mais rico do que esse do velho Ambrósio. O preto parece que ali deu tudo que podia dar. Não tenho certeza, mas - Quinca Ataíde já o esperava - eu acho que está faltando qualquer coisa nele. Acho que.

- É, falta do bombardino

- Se Mestre Ambrósio escreveu a parte do bombardino, na falta deste, - reclamou Lauro por que não converter ela para o barítono ou ainda para o tenor

- Zeca Coimbra não aguenta Zeca é bom, porém tem dedo enferrujado e a parte é toda cheia de acidentes. De mais a mais exige muita execução. Se você quer ver vou mandar buscar em casa agora mesmo. E já foi pegando o menino mais próximo para dizer a dona Naninha que mandasse aquela folha de papel que estava sobre a cama de Reinaldo.

Ao passa a vista na parte do bombardino o inferno vibrou e, de repente, parou os olhos fuzilantes em um ponto fixo do telhado. Refletiu meio minuto e erguendo com sacrifício a cabeça e o tronco, na rede incômoda, surpreendeu os circunstantes.

- Arranje Chico Caburé, Joaquim Piçarra e mais uns dois carregadores pra me levar na rede até à praça, que hoje o Para Todos sairá completo.

Deijinha, a irmã, e Siá Maria-de-Zé-Sobral, a mãe, cheias de cuidados e quase se desmaiando de medo, soltaram logo uns " Deus lhe defenda!" co cara de choro.

- Não carece cuidado obstinava Lauro querendo se sentar na rede. Basta arranjar dois travesseiros para calçar os ombros que eu fico bem sentado no canto da sala. A mão direita está boa e minha boca já desentortou muito. Chamem os cerregadores e, nervoso - me façam essa caridade.

Foi um rebuliço em toda a rua da Caatinga. Aquele estranho préstito puxado por uma rede, lembrando um enterro de brejeiro, arrastou enorme multidão à Esquina de Arnaldo Borba, onde ensaiava a Seis, na Praça da Bandeira.

A rede penetrou inesperadamente, porta-adentro, na sala cheia de estantes, onde os músicos, retransidos de susto, interromperam os últimos afinamentos.

Escorado nos travesseiros e com o bombardino a tiracolo, Lauro Sobral experimentou rapidamente o instrumento e os dedos nas passagens mais difíceis do dobrado. Foi questão de segundos e os músicos, seus discípulos, ficaram radiantes ao verificar o ressurgimento do maestro de ontem. Correu por todas as veias o frêmito desses momentos de extrema emoção, sobremodo quando, após a introdução do Para Todos, o bombardino, em florituras impressionantes, costurou de ponta a ponta, notas limpas e impecáveis, a primeira parte.

No Alto do Menino Deus, Mestre Ambrósio empertigou-se. Sentia-se arrebatado. Aqueles sons eram a sua alma, o seu sangue, e sua tosse, a sua fome, a sua vergonha, a sua vida. Teve vontade de correr.

À medida em que se desenvolviam as outras partes do dobrado sinfônico, os músicos percebiam que o bombardino descortinava todo um novo ângulo estético da peça. Na altura do trio, enorme multidão se acotovelava na frente da casa, em silêncio, mas de tal forma vibrante que Quinca Ataíde, também

emocionado, chamou os músicos ao ritornello, à repetição. Foi um delírio sem precedentes. Tudo indicava que músicos e instrumentos iriam se desmanchar no entusiasmo e a banda parecia que passara de quinze para trinta figuras. E, como se não bastasse todo aquele mundo de emoções irreprimidas, qual um fantasma saindo do chão, maltrapilho, alquebrado, barba crescida, olhos fundos e marejados, o Mestre Ambrósio penetrou, de súbito, no recinto.

Multiplicaram-se as cabeças inquietas dos curiosos que disputavam as quatro janelas da sala. Eletrizaram-se os músicos. E Quinca Ataíde entregou-lhe a batuta. Repetiu-se mais uma vez o Para Todos, aqui e acolá entrecortado de aplausos incontidos. No meio do dobrado o velho sofreu um acesso de tosse. Procurou coibi-la devolvendo a batuta a Quinca Ataíde e buscando um copo d'água no corredor vizinho, com a moradora, Siá Luzia de Luíz.

Não voltou para os braços dos músicos e da enorme assistência que o aguardavam ansiosos. Saíram misteriosamente pelos fundos da casa.

Nesta noite Santa Maria não dormiu, o povo procurando Mestre Ambrósio por todo canto. Ao amanhecer, canoieiros atiravam redes, inutilmente, ao longo do Rio Corrente, na procura de um corpo afogado.

Caminhada de vinte léguas até o São Francisco e cento e cinquenta de balsa, salpicadas de sangue tossido á procura de caridade.

Morreu solitário a seis léguas de Juazeiro, entre indigentes do Sanatório de Carnaíba.

Casa de Detenção
Recife, 2 de Janeiro de 1965

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

o
cair
de
ícaro
sempre
nos
derruba
da
escada
de
Jacó

CARLOS MOREIRA